

Memória, testemunho e engajamento político em obras de Zélia Gattai:

Uma construção de si

KassianaBraga*¹

Alguns dados biográficos: Zélia Gattai por ela mesma

O presente texto tem como intuito discutir a trajetória pessoal e profissional de Zélia Gattai, levando em conta o relacionamento com o esposo e também escritor, Jorge Amado, bem como a sua caminhada literária e a construção de si a partir de sua escrita memorialística, que por muitas vezes, contemplou a construção de memórias coletivas. Além disso, em suas obras, a autora posicionou-se como testemunha de alguns eventos que vivenciou ao longo de sua vida e também se mostrou bastante engajada do ponto de vista político, denunciando alguns modelos políticos e regimes ditatoriais. Deste modo, construiu uma imagem de si com a sua prática autobiográfica mostrando-se como uma mulher diferente, não sendo apenas uma esposa de um escritor famoso, mas uma mulher com grande experiência de vida, com certa criticidade e bagagem cultural, adquirida a partir do exílio, do contato com pessoas renomadas, assunto que discutiremos a seguir.

Zélia Gattai (1916-2008), escritora paulista, filha e neta de imigrantes Italianos anarquistas, participou de reuniões proletárias em sua infância, conviveu com Oswald de Andrade, Lasar Segall, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Rubem Braga, Zora Seljan, Aparecida e Paulo Mendes de Almeida, Letícia e Carlos Lacerda, Aldo Bonadei, Vinicius de Moraes e outros artistas e intelectuais brasileiros, foi casada duas vezes (com Aldo Veiga e com Jorge Amado, com quem viveu por cinquenta e seis anos), se exilou com o marido no ano de 1948, pois ele era membro do Partido Comunista que neste momento havia sido colocado na ilegalidade.

Travou contato com Pablo Neruda, Nicolás Guillén, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Aragon, Paul Éluard, Frédéric Juliot Curie, Picasso e Ilya Eremburg, entre outros.

¹ Graduada em História pela Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Assis e mestranda pela mesma universidade, na qual desenvolve a pesquisa : A Senhora Dona da Memória: “Autobiografia e memorialismo em obras de Zélia Gattai” com financiamento CNPQ.

No exílio, morou na França e na Tchecoslováquia, no (Castelo de Escritores), adquirindo grande experiência de vida, pode ter contato, com línguas, culturas distintas, conhecendo políticos, artistas e intelectuais renomados.

Tal viagem foi de grande riqueza cultural para ambos e, apesar de estar em exílio, a “viagem de fuga” por conta do medo do escritor ser preso mais uma vez, como membro do PCB e ex-deputado federal pelo mesmo partido que no momento encontrava-se na ilegalidade, seria a única alternativa naquele momento; refugiar-se em país estrangeiro era uma maneira de não perder a liberdade e uma forma de continuar a sua militância política e a publicar suas obras nos países que compactuavam com os seus ideais.

O exílio não se tornou um fardo para o casal, pois o quanto puderam aproveitaram as viagens, os encontros com escritores de outros lugares, intelectuais, poetas e poetisas, pintores e filósofos com os quais acabaram se deparando. Nesses países em que residiram construíram um verdadeiro lar aconchegante, sempre cercado de amigos que também estavam na Europa por conta do exílio ou de eventos políticos, como algumas reuniões e congressos. Neste sentido, Jorge e Zélia sempre recebiam ilustres visitas ou mesmo encontravam amigos e conhecidos nos eventos que frequentavam em suas viagens, como o poeta Pablo Neruda, a poetisa Antonieta Dias de Moraes, João Cabral, Nicolás Guillén, a filósofa Anna Seghers, entre muitos outros intelectuais vinculados ao Partido Comunista ou mesmo sem vínculo partidário, mas engajados em causas humanitárias contra guerras e conflitos políticos que ocorriam neste período, como a Guerra Fria e o temor da bomba atômica, o grande pavor de todos os países naquele momento.

Além de aproveitar os atrativos culturais e recreativos que o exílio lhe proporcionava, Zélia matriculou-se em um curso de Língua e Civilização Francesa na Sorbonne que frequentou durante um ano, de 1948 a 1949, demonstrando que soube aproveitar todas as oportunidades que teve durante a sua vida, antes e depois de se tornar uma escritora conhecida.

Tais vivências possibilitadas pelo contato com culturas distintas, com diversos intelectuais e a experiência adquirida a partir das revisões dos livros de seu esposo é que fizeram com que Zélia Gattai, de forma gradativa, tomasse gosto pela escritura literária.

No entanto, escreveu de modo distinto de Jorge, debruçando-se a contar histórias a partir de suas lembranças de infância e fase adulta, algumas próprias de sua memória e outras adquiridas a partir das narrativas de seus antepassados, que as acaba relatando em muitas de suas obras. Diferente de Jorge Amado que foi um romancista por excelência, a escritora debruçou-se a criar autobiografias, que compõem a maioria de suas obras, no entanto, também produziu romances e livros infantis durante muitos anos.

Publicou seu primeiro livro, *Anarquistas graças a Deus*, em 1979, com histórias de seus antepassados italianos, retratando a imigração e a chegada deles no Brasil, os espaços de sociabilidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, o posicionamento políticos de seus pais e avós, assim como os costumes desses grupos de imigrantes que criaram uma cultura trabalhadora ao mesmo tempo em que construíam uma metrópole ao lado de outros imigrantes europeus.

A produção literária de Zélia Gattai, bem como o seu pensamento, inserem-se no contexto do aumento do número de publicações literárias ocorrido na década de 1970, sobretudo em relação aos gêneros autobiográficos, dado em função de vários fatores, dentre eles, o da necessidade de certos militantes de esquerda, de escritores, de escritoras, de políticos e de jornalistas relatarem o que vinham vivenciando durante o regime militar.

Além do gênero autobiográfico, a obra de Zélia Gattai associa-se ao gênero dos romances políticos que foram, neste período da vida política brasileira, os mais vendidos. Neste “cenário literário” apareceram, ainda, vários escritores que se debruçaram sobre este tipo de escrita mais politizada como, por exemplo, Érico Veríssimo e Chico Buarque de Holanda. Outro tipo literário bastante vendido na época foi o dos livros memorialísticos, representados por autores como Pedro Nava, Alfredo Sirkis, Renato Tapajós e muitos outros mais. Quanto às mulheres escritoras, são contemporâneas a Zélia as autoras Lygia Fagundes Telles, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector e outras que compuseram este “cenário literário”, como Nélida Piñon, Lya Luft, Hilda Hilst, Marina Colasanti...

Na época que se ocupa com *Anarquistas graças a mulher do tempo* de Zélia Gattai “já se aventura a elaborar seu próprio discurso de acordo com seus desejos, grita resiste, investe e, de alguma forma, subverte a ordem, embora não ouse extrapolar limites.” (ALVES, 2002, p. 107). Este trabalho foi lançado pela editora Record, em um período em que ocorria um boom de publicações no mercado editorial brasileiro.

Por esta época editora Record estava “a todo vapor”, investindo intensamente no ramo das publicações e em equipamentos modernos, no emprego de mais funcionários, em grandes publicidades, conquistando o mercado editorial e , posteriormente, o internacional em diversos países, desde a América Latina a Europa. Publicaram-se ficções, romances, livros e autoajuda, memórias, entre outros gêneros.

Um dado relevante à situação é que Jorge Amado também publicou um livro pela mesma editora no ano de 1979, sendo a primeira edição intitulada *Farda, fardão, camisola de dormir* , que discutia assuntos relacionados ao Estado novo bem como o regime nazista. O Estado Novo também foi um tema abordado em *Anarquistas graças a Deus* por Zélia Gattai.

Por ser um escritor já consagrado e por ter contatos políticos, pessoais e, sobretudo, profissionais e âmbito internacional e no Brasil, desde a década de 1940, Jorge tinha uma ótima reação com várias editoras, como a Schmidt a José Olympo, a Editora Martins e a própria Record², junto a qual publicara outros livros anteriormente como *Tenda dos Milagres* (1941) “o primeiro romance brasileiro a alcançar a cifra de cem mil exemplares em sua primeira edição.” (DIMAS, 2012, p.120). Além da relação profissional com a editora Record, Jorge Amado era amigo de Alfredo Machado, um de seus criadores, pelo qual nutria grande estima ao ponto de elogiá-lo publicamente por considera-lo um homem que conseguiu transformar de forma significativa a indústria editorial no Brasil. Seu discurso de ingresso na Academia Brasileira de Letras (1978) ilustra-nos bem a situação:

Os tempos de comportam hoje já não comportam nem o paternalismo dos editores, nem o amadorismo dos autores, e ninguém tem ocorrido para liquidar tais fatores de atraso cultural quanto o diretor da editora Record. Alfredo Machado modificou e transformou por completo a indústria editorial no Brasil. Além disso, é a mais generosa das criaturas, amigo de dedicação inextinguível. (DISCURSO DA ACADEMIA DE LETRAS, 1978).

Evidentemente que Zélia pode inserir-se no campo literário por uma certa influencia de seu esposo, uma vez que ele era reconhecido por seus pares e por também publicar seus livros nessas editoras. Certamente, seria muito mais difícil adentrar ao mundo das letras sendo uma mulher anônima, sem nome e sem contatos importantes. No entanto, não se pode atribuir sua estreia tão somente pelo fato de ter alguém que apoiara

² A Editora Record foi criada por Alfredo Machado e Décio Abreu no ano de 1942. Ao longo desse tempo passou de distribuidora de histórias em quadrinhos ao maior conglomerado independente de editoras da América Latina, líder no mercado brasileiro de livros não didáticos e religiosos. Informações disponíveis no sítio eletrônico: <http://www.record.com.br/novidades_cada.asp?id_novidade=1186> Acesso em: 10 Dez, 2014.

seus projetos, o que seria determinista, uma análise extremamente vazia de sentido e uma injustiça com a literata.

Deste modo, faz-se necessário considerar outras questões, outros pontos de igual relevância, como o seu talento e experiência, as questões de gênero, as que se referem às mudanças econômicas e, sobretudo sociais que estavam acontecendo aparecendo na sociedade pesquisada. Além disso, o fator principal que deve ser levado em conta é que Zélia Gattai começou a ser reconhecida desde o início de sua carreira e seus livros foram lançados e editados e outros países, conquistando inúmeros leitores ao longo dos anos, o que demonstra que fora realmente reconhecida pela particularidade de sua obra o que é majoritariamente memorialística, resultado de sua dedicação e compromisso com a sua escrita.

O sucesso de Zélia se deu como todo o escritor, devido a vários fatores: a influencia editorial, o mercado em alta, inclusive para as escritoras, não se restringindo ao mundo masculino e, sobretudo, pelo fato de ter sido aceita por um público leitor interessado em suas histórias na forma que tecia a sua narrativa. Para o panorama social de *Anarquistas graças a Deus* há também outros fatores que devem ser elencados, tais como processo de abertura política e a industrialização da produção cultural, fruto do “milagre econômico” ocorrido durante o governo militar.

No entanto, o “milagre econômico não se sustentou por muito tempo em função sobretudo, das crises de ordem política, econômica e da insatisfação popular. Neste contexto de insatisfações, com a truculência do governo militar iniciou-se um movimento de publicação de livros com engajamento com o intuito de relatar vivências e memórias de um período em que a violência era empregada o tempo todo contra as pessoas refratárias de um período militar. Deste modo, foram publicados romances políticos, uma espécie e “testemunho”, além de livros com caráter memorialístico, bem como o que se poderia chama de “literatura de testemunho”, “aquela que flagra o sentimento de opressão e angústia característico da intelectualidade dos artistas daquele momento”. (HOLANDA apud. REIMÃO, 1996, p.27).

Neste momento quando Zélia publica seu primeiro livro, Fernando Gabeira lança *O que é isso Companheiro*³? “Este livro vendeu cerca de 80 mil exemplares em 1979 e

³ O escritor Fernando Gabeira, por conta do sucesso com a publicação de seu livro, acabou recebendo no ano de 1980 o premio Jabuti na categoria Biografia e/ou memórias, o que demonstra que o gênero biográfico já estava sendo valorizado e fazia parte do cenário literário neste período. O premio foi criado no ano de 1958 pelo presidente da Câmara Brasileira do livro Edgar Cavalheiro e o secretário Mario da

Gabeira reacende com esse texto um filão que se desenvolverá mais na primeira metade dos anos 80.” (REIMÃO, 1996, p.30). Esta e outras publicações afins tinham como intuito relatar as vivências em todos os acontecimentos relacionados ao período militar, era uma forma de mostrar as atrocidades cometidas pelos militares, sendo também uma tentativa de denúncia, dever moral ou mesmo um desabafo individual e coletivo.

Com Zélia neste período, não fora diferente, também escreveu memórias mais engajadas, relatando alguns momentos de sua vida, alguns modelos políticos que conheceu na Europa, denunciando alguns abusos de poder e algumas atitudes violentas por parte dos militares do Estado Novo. Diante disso, percebemos que a autora a partir de um momento autoritário no Brasil que foi o regime da ditadura-civil-militar, também ficou inspirada a escrever o seu memorialismo, publicando o primeiro livro no final da década de 1980 centrado na trajetória de vida de seus antepassados, mas a cada livro novo, foi narrando outros temas e posicionando-se de forma mais crítica, mais irônica, mais politizada e mais denunciativa.

A autora tinha uma enorme sensibilidade, estava sempre atenta ao cotidiano, talvez, por ter crescido ouvindo às histórias de seus antepassados, sobre a vinda deles ao Brasil, as suas dificuldades e adaptação nesta terra desconhecida. Estreou sua primeira autobiografia em um contexto de mudanças significativas do ponto de vista social e cultural, o que nos mostra que ela rompeu de certo modo com os padrões estabelecidos socialmente, participando dessas mudanças, não se restringindo ao seu papel de mãe e esposa exemplares. Almejou mais, começou a trabalhar para Jorge Amado na década de 1940 quando o conheceu no I Congresso de escritores. Separou-se do primeiro esposo Aldo Veiga, militante do Partido Comunista, com quem teve o primeiro filho, Luis Carlos Veiga, acabou unindo-se ao escritor, sendo a sua companheira até o final de sua vida, construindo um relacionamento sólido de cumplicidade, respeito e ajuda mútua.

Assim é que podemos perceber que, mesmo em meio a uma sociedade patriarcal rompeu com alguns valores e comportamentos tradicionais para a época, desde que começou a participar de eventos literários, comícios, ou mesmo quando se separou do seu primeiro marido, em um momento em que ainda não havia a Lei do Divórcio no país. “Como era chamado na época, o desquite era a única possibilidade de separação

oficial dos casais nos anos 50, mas não dissolvia os vínculos conjugais e não permitia novos casamentos”. (BASSANEZI, 2002, p. 636 – adaptado).

Por estas épocas, a separação era uma atitude vista socialmente com muita rejeição, ainda mais em relação às mulheres, pois o matrimônio, de acordo com a moral cristã, em nenhum momento poderia ser desfeito, sendo o casamento sinônimo de união para a vida toda. A discriminação social era tão intensa que as mulheres que rompiam seu casamento eram vistas com má influência para as “bem casadas”. Neste sentido, Zélia, de maneira gradativa, foi quebrando certas barreiras, rompendo com o patriarcalismo, estabelecendo-se em um novo relacionamento com o escritor baiano, construindo uma nova família, apesar das limitações jurídicas referentes ao divórcio no período. Trata-se de uma mulher que, a partir de uma reflexão sobre si e sobre a sociedade em que se inseria, caminhou em busca de uma emancipação como mulher, conquistando posteriormente, uma série de benfeitorias no campo pessoal e profissional, tornando-se escritora tardiamente, mas contando com enorme experiência de vida.

No ano de 1978 oficializou o casamento com Jorge Amado, época em que já vigorava a Lei do Divórcio, após 33 anos de união com o escritor, sendo o Divórcio (lei criada em 1977) um divisor de águas com relação ao casamento civil no Brasil. “Esse remédio jurídico só foi concretizado após muitas lutas por seus defensores” (CORTÊS, 2012, p. 260).

Um dado relevante sobre o seu divórcio é que a escritora, em todos os seus livros, fez questão de não relatar sobre o assunto, talvez pelo fato de tratar-se de algo delicado para ela. Certa vez, apenas comentou que seria esta uma “página virada” em sua vida, por isso o silêncio a respeito. Possivelmente, a escritora não quis discuti-lo em suas obras por se tratar de um assunto particular, visto com bastante preconceito no período em que o viveu. Falar sobre ele seria uma forma de dar margem a comentários, discussões e posicionamentos morais por parte das pessoas que entrassem em contato com sua literatura; não pronuncia-lo seria uma forma de preservar e zelar pela sua relação com Jorge Amado.

Com o esposo escritor pode estabelecer uma relação de companheirismo no sentido pessoal e também profissional compartilhando experiências e auxiliando-o no processo de suas publicações. Zélia comenta Bassanezi (2002), dialogando o tempo todo, trocando informações e ideias, denotava atitude muito distintiva para uma época em que distinguia completamente a feminilidade da masculinidade, ou seja, quando os

papeis dos homens e dos das mulheres eram sempre diferenciados, “a comunicação era provavelmente mais difícil, mesmo porque, o dialogo entre iguais não era algo a ser buscado, não fazia parte do modelo de felicidade conjugal proposto aos casais e, especialmente, às mulheres da época” (BASSANEZI, 2002, p. 629-630).

Deste modo, podemos perceber que relevância do trabalho de Zélia não se restringe somente ao fato de ter escrito livros de importância memorialista e histórica. O seu papel como mulher adentrando este “cenário literário” deve ser levado em conta, tendo em vista que as publicações eram em sua maioria ainda feitas por homens escritores, não por mulheres. Zélia assim, acompanhou e seguiu a trajetória de outras mulheres que anteriormente também conseguiram um destaque no campo intelectual e literário, como Rachel de Queiróz, a primeira mulher a conquistar uma vaga na Academia Brasileira de Letras, eleita no ano de 1977 entidade majoritariamente masculina.

No entanto, muitas escritoras tentaram concorrer às vagas na instituição antes de Rachel e foram todas barradas. À sequência de sua entrada outras mulheres conseguiram um maior espaço dentro da Academia, aumentando o numero de acadêmicas com o ingresso de Dinah Silveira de Queiróz em 1980, Lygia Fagundes Telles em 1985 e Nélida Piñon em 1989. Assim como estas escritoras, Zélia também ingressa na instituição, no ano de 2002, ocupando a cadeira 23.

A ideia de a autora concorrer uma vaga na ABL partiu dos acadêmicos, Arnaldo Niskier, Eduardo Portella e Antonio Olinto e contou com a pronta adesão da maioria. Na eleição a escritora quase venceu por unanimidade, recebendo a maioria dos votos e tendo como adversários alguns escritores e escritoras do período. Deve ser levado em consideração, entretanto, que o ingresso à ABL desde sempre, se deu a partir de uma série de fatores, entre eles, as rede de relações estabelecidas, a publicação de livros de relevância para o mercado editorial bem como o reconhecimento do talento literário pelos pares, e, sobretudo, por seus leitores. Mello (2011) assim acrescenta:

Por outro lado, como a ABL é um círculo muito restrito, as relações pessoais e familiares interferem diretamente na disputa. Não se entra para a Academia sem que esteja inserido numa rede de importantes relações pessoais. São, geralmente, os amigos e parentes que convidam, cortejam, patrocinam as candidaturas (MELLO, 2011, p. 15).

No caso de Zélia não fora diferente: havia também uma rede de relações bastante consolidada com alguns membros da Academia, sendo alguns deles pertencentes ao seu

círculo de amizades e também do seu esposo durante muitos anos. Porém, estes contatos não anulam mérito de sua escrita, pois a escritora ocupou a cadeira de número 23 pelo fato de possuir os atributos necessários como escritora para poder estabelecer-se como acadêmica, tal como Rachel de Queiróz, Nélida Piñon e outras.

Diante de sua trajetória o ingresso na Academia de Letras veio a consolidar sua carreira, pois se trata da maior instituição do país. Este fora o reconhecimento mais significativo que Zélia recebera e que a consagrara como escritora, sendo incentivada por muitos amigos e companheiros de ofício, como retrata em seu discurso de posse (2002):

Deles ouvi dizer que uma cadeira vaga, a que fora ocupada por Jorge, me esperava na Academia Brasileira de Letras: “Pense na satisfação dele ao ver você ocupando a Cadeira 23”, disseram-me: Eduardo Portella, José Sarney, Marcos Vinicius Vilaça, Antonio Olinto, Tarcisio Padilha, Arnaldo Niskier, Nélida Piñon, Murilo Melo Filho, Ivo Pitanguy, Marcos Almir Madeira Evandro Lins e Silva, Afonso Arinos de Melo Franco, entre outros. Tanto carinho... (PORTELLA, 2002,p. 9).

Desta maneira, vemos que Zélia Gattai buscou a emancipação como mulher e profissional, abrindo novos espaços de atuação, estudando no estrangeiro com o intuito de preparar-se intelectualmente, estabelecendo-se em um espaço de grande importância cultural que lhe proporcionou o acesso a novos conhecimentos. Travou contato com inúmeros intelectuais, “bebeu” da cultura de outros países e vivenciou realidades que lhe proporcionaram experiências únicas que “construíram gradativamente a sua maneira de ser e se colocar na sociedade, “compondo a partir de sua escritura um mosaico que integra a maneira de perceber o mundo e o desenho de sua positividade”. (SWAIN apud SOARES, 2010, p. 16)

Trata-se de uma mulher que se negou a ser somente dona de casa, que não se limitou ao espaço privado; foi alguém que almejou um lugar no campo da literatura e que lhe rendeu grandes frutos. Driblando os preconceitos do patriarcado de seu tempo...

Memorialismo e construção de si

A partir da análise sobre a trajetória pessoal da autora em questão, se faz necessário discutir a sua obra. Composta por 14 livros⁴ que são autobiográficos e memorialísticos, como já apontado anteriormente.

Com o passar do tempo a escritura de Zélia se torna cada vez mais intensa, não se restringindo à escrita autobiográfica, escrevendo livros infantis e romances.

Em sua primeira publicação no final da década de 1970 e em Città de Roma publicado em 2000 concentra-se em narrar às histórias de seus antepassados italianos que almejavam implantar uma colônia socialista experimental no Brasil (o anarquismo), denominando-a como a Colônia Cecília e sobre a modernização de São Paulo, além dos acontecimentos que presenciou durante o Estado Novo com a prisão de seu pai, Ernesto Gattai, considerado um homem subversivo pelos militares por possuir em sua casa uma espingarda de caça e “periódicos subversivos” como alguns jornais e revistas com conteúdo político – revolucionário, entre outros textos:

Acometido de febre tifoide, o organismo debilitado de papai não resistiu. Morreu aos cinquenta e quatro anos, vítima das atrocidades da polícia do Estado Novo de Getúlio Vargas. No dia de seu sepultamento, as casas comerciais do bairro da consolação e da Avenida Rebouças fecharam suas portas em sinal de luto. Não fui ao cemitério. Recusei-me a ver o caixão de meu pai baixar à cova aberta à sua espera. Creio que não resistiria à dor. Fiquei em casa sozinha (GATTAI, 2000, p. 168).

Nos livros posteriores, retoma alguns acontecimentos demonstrando uma grande preocupação em registrar e imortalizar tais eventos.

Em *Um chapéu para a viagem* (1982), *Senhora dona do baile* (1984) e *Jardim de Inverno* (1988) no entanto, o foco foi debruçar-se a escrita de outros temas. Neste sentido, percebe-se que a cada livro novo publicado, a autora se tornava uma escritora mais engajada do ponto de vista político. O seu intuito deste modo, concentra-se em narrar, denunciar e mostrar-se como testemunha de alguns eventos que fez questão de relatar, construindo dessa forma, a sua memória individual e as memórias alheias das pessoas que julgou importante. Deste modo, entendemos que existe por parte da autora

⁴ A memorialista escreveu 14 livros; a maioria de sua obra é composta por autobiografias, no entanto, debruçou-se a escrever também livros infantis e um romance: *Anarquistas graças a Deus* (1979), *Um chapéu para a viagem* (1982), *Pássaros noturnos do Abaeté* (1983), *Senhora dona do baile* (1984), *Jardim de inverno* (1988), *Pipistrelo das mil cores* (1989). Literatura infantil: *O segredo da Rua 18* (1991), *Chão de meninos* (1992), *Crônica de uma namorada* (1995), *Códigos de família* (2001). Romance: *A casa do Rio Vermelho* (1999), *Città di Roma* (2000), *Joana e a sereia* (2000), *Jorge Amado: um baiano romântico e sensual* (2002), *Memorial do amor* (2004) e a última publicação *Vacina de sapo e outras lembranças* (2006).

uma intenção muito maior que narrar tais vivências. O objetivo é registrá-las, documentá-las, contribuindo para que não ocorra o esquecimento.

Em sua narrativa, além do recurso das próprias lembranças, Zélia recorre a sua imaginação, à riqueza de detalhes, a certas descrições que julga pertinente e a sua criatividade como escritora, organizando os acontecimentos que pretende contar ao leitor, criando desta maneira a sua história de vida e as de outras pessoas que relata de modo coerente, dando a impressão de que tais eventos foram vivenciados exatamente como foram narrados, sendo uma prática comum nestes tipos de relatos de vida.

O foco nas três publicações relatadas acima, foi narrar os acontecimentos que vivenciou durante o exílio europeu (1948-1952) com o esposo e inúmeros intelectuais como Pablo Picasso, Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Anna Seguers, Guillén, Justino Martins, Paul Eluard, Louis Aragon, Gilberto Amado, Elsa Triole, pessoas que teve contato ao longo desses anos. Por isso, narrou os encontros, os congressos em prol da paz e de outras causas humanitárias em que Jorge Amado participou neste período. Relatando ainda, os países que pôde conhecer, como a Itália, China, Alemanha, Tchecoslováquia e França, países que morou, além das culturas distintas, os hábitos diferentes das pessoas de outras nacionalidades entre outros assuntos, como o maoísmo, o socialismo, o stalinismo e o holocausto.

Em *Jardim de Inverno* publicado no ano de 1988 a autora faz uma profunda reflexão sobre o exílio que não havia feito nos livros anteriores. Neste sentido, relata os pontos positivos e negativos que vivenciara com o esposo mostrando-se como uma mulher madura e cheia de experiências. Ou seja, Zélia Gattai, depois do exílio europeu já não era mais a mesma, pois havia adquirido uma outra visão de mundo:

Nesse porto de Gênova eu desembarcara em 1948, com uma criança nos braços, no peito muito amor e muita coragem. Houve quem me tachasse de irresponsável, ao ver-me sair mundo afora ao encontro de meu companheiro com um filho pequeno. Agora, em 1952, neste mesmo porto de Gênova, ao partir de volta para casa, eu já não era a moça ingênua que lá aportara, cheia de ilusões, sectária, limitada, com uma visão idealista do mundo. Vivera um tempo longo de saudade e de nostalgia, um tempo dramático de guerra-fria, macarthismo, stalinismo, injustiças, desconfianças, acusações e delações: o medo desenfreado condicionando a existência das pessoas. Passara a conhecer melhor a vida. Não fora fácil, mas a gente vai aprendendo sem parar, apanhando para aprender: eu apanhei bastante (GATTAI, 2001, p. 294).

No exílio pode adquirir grandes experiências, algumas boas, construtivas, como o acesso à Universidade, contato com pessoas renomadas como poetas, filósofos,

escritores e pintores. No entanto, presenciou eventos tristes, modelos políticos autoritários e situações de injustiças com certos grupos que fez questão de narrar tais histórias.

Vale ressaltar que Zélia mostrou a sua indignação e desilusão com o socialismo mostrando com sua narrativa as intervenções que faziam antes de publicarem os textos de seu esposo nos países socialistas que sofriam cortes em certas palavras e frases.

Além de tais intervenções, havia outros eventos insertos no socialismo e praticados por alguns dos seus membros que presenciou ou ouviu falar, como eventuais condenações de pessoas inocentes, enforcamentos, entre outras atitudes que restringiam a liberdade de muitas pessoas. Neste sentido, Zélia Gattai começa a questionar o socialismo e, de maneira bastante crítica, afirma:

O socialismo que eu aprendera a respeitar, desde criança, com meu pai, era outro, muito outro, completamente diferente... Meu pai me ensinara que sem liberdade o homem não pode viver. Não há dúvida, os princípios do socialismo significavam um avanço da sociedade. Os homens que aplicavam é que, muitas vezes, não estavam à altura. Coisa tão simples de analisar, tão fácil! Não era preciso possuir conhecimentos teóricos do marxismo, bastava ter cabeça para pensar, olhos para ver e coração para sentir para se chegar a conclusão de que ambição pessoal, a sede do poder, era responsável por tudo de ruim que acontecia. A ambição do poder transforma, corrompe o indivíduo. Há homens que para chegar ao poder fazem qualquer negócio... No poder, passam a ver inimigos em seu redor, querendo tomar-lhes a frente, querendo fazer-lhes sombra, querendo tirar-lhes as vantagens... Para não perder o mando, recorrem a dogmatismo, valem-se de todo e qualquer processo para liquidar o concorrente: tornam-se inflexíveis, não admitem queixas, muito menos críticas, tolhem as liberdades, utilizam as polícias e os tribunais, forjam crimes para liquidar os que os incomodam (GATTAI, 2001, p. 139).

O que percebemos a partir desta afirmação é que a escritora conseguiu por meio de sua literatura posicionar-se, mostrando que o poder com ambição leva a regimes violentos e conseqüentemente a atitudes desumanas por parte de seus membros, o que fez com que ela revesse o socialismo, não o vendo mais como um ideal a ser alcançado e construísse as suas memórias com o intuito de arquivar tais vivências.

Parece-nos, portanto que o intuito da autora além de construir as suas memórias individuais e coletivas, posicionando-se e denunciando abusos de alguns modelos políticos, o seu grande objetivo foi construir-se como mulher, dando voz a si própria, criando desta maneira a sua identidade como escritora, como uma livre pensadora que pode adquirir experiências de vida ao longo de sua trajetória. Ou seja, almejou mostrar-

se por meio de sua escritura literária como um sujeito de sua própria história desconstruindo deste modo a única imagem que lhe era atribuída: a de esposa de um escritor famoso. Neste sentido, escreveu para ser lembrada, por sua capacidade própria enquanto intelectual e como mulher cheia de experiências, pois como pontua Artieres:

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros tem de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho no tempo (ARTIERES, 1998, p. 23).

Diante de tais considerações, é importante considerar que a autora desde a sua primeira publicação começou a construir-se como escritora, desde o início, usando o sobrenome “Gattai” para não ser reconhecida por ser casada com o escritor baiano, Jorge Amado. Dessa forma com as suas inúmeras obras publicadas no Brasil e no exterior, conseguiu um “lugar ao sol” e uma vaga na Academia de Brasileira de Letras, no ano de 2000, tomando posse em 2003, certificando que almejava ser reconhecida pela instituição do campo literário mais importante do país.

Considerações finais:

Pode-se dizer que Zélia Gatti objetivou registrar e documentar as histórias dos seus antepassados a partir de seus referenciais ideológicos, sua luta pela sobrevivência na viagem da Itália ao Brasil e a adaptação ao país desconhecido que, com o passar do tempo, foi se tornando aconchegante e se transformando em um verdadeiro lar.

Em suma, a memorialista Zélia Gattai conseguiu por meio de sua escrita o que sempre almejou: dar voz a si própria e a outras pessoas que não puderam se posicionar diante do que haviam sofrido, construindo dessa maneira uma identidade própria, a construção de sua individualidade, dela como escritora, dotada de talento e competência literária. Neste sentido, a escritora fez de sua literatura um instrumento político; não era adepta de partidos, no entanto nutria grandes sonhos, muitas experiências e uma opinião firme sobre as questões relacionadas ao socialismo e a outras temáticas com as quais pode posicionar-se, registrar, documentar e deixar seu legado a partir da tessitura de sua narrativa, “graças a Deus”.

Referencias

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Revista Estudos Históricos. FGV Rio de Janeiro, Vol8, n. 21, p. 9-34, 1998.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados**. In: DEL PRIORI, Mary; [Org.]. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002

CORTÊS, Iáris Ramalho. **A trilha legislativa da mulher**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. [Org.] Nova História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

DIMAS, Antonio. **Jorge Amado e seus editores: Alfred Knopf e Alfredo Machado**. Revista USP. n. 95. São Paulo: USP, set./out./nov. 2012, p. 72-126. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/52243/56280>> Acesso em: 15 jan. 2015.

DISCURSO DA ACADEMIA DE LETRAS (JORGE AMADO), 1978.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas graças a Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____ **Città di Roma**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____ **Jardim de inverno**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____ **Senhora dona do baile**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____ **Um chapéu para viagem**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

MELLO, Maria Schincariol de. **Consagração ou desqualificação: Jorge Amado, Rachel de Queiroz e a Academia de Letras**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em:



<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312837174_ARQUIVO_texto_anpuh_2011_08082011.pdf> Acesso em: 12 jan. 2015.

PORTELLA, Eduardo. **Discurso de recepção à acadêmica Zélia Gattai**. Rio de Janeiro, 21 mai. 2002. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=14735&sid=273>>

Acesso em: 16 dez. 2014.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**. São Paulo: ComArte, FAPESP, 1996.